

## Discutindo a Guerra Cultural

*Discussing the Cultural War*

 Robson Santos Camara Silva \*  
André Almeida Cunha Arantes \*\*  
Raquel Oliveira Moreira \*\*\*

**Resumo:** Em *Domínio das Mentes: do golpe militar a guerra cultural*, Aldo Arantes analisa criticamente a ascensão do neoliberalismo, da extrema-direita e das estratégias de dominação ideológica no Brasil e no mundo. A obra estrutura-se em duas partes, abordando desde fundamentos teóricos até propostas de resistência. Arantes denuncia o neoliberalismo, iniciado nos anos 1970, por ampliar as desigualdades e governos como os de Temer e Bolsonaro por precarizar direitos sociais e trabalhistas. O livro trata como a extrema-direita, articulada por figuras como Steve Bannon e Olavo de Carvalho, utiliza *fake news*, algoritmos e plataformas digitais para disseminar ódio e desestabilizar democracias. Associa como *big techs*, a exemplo de Facebook e Google, monetizam dados pessoais, manipulando comportamentos e eleições, enquanto a falta de regulação ameaça privacidade e autonomia. Arantes defende um "Plano Programático" para fortalecer democracia: distribuição de renda, educação pública, regulação de *big techs*, combate a *fake news* e reforma política com financiamento público. A obra alerta para os riscos da dominação ideológica neoliberal e da guerra cultural, enfatizando a urgência de unir lutas sociais, ética tecnológica e soberania nacional para construir um projeto democrático inclusivo.

**Palavras-chave:** Neoliberalismo. Extremismo de extrema-direita. Dominação ideológica. Guerra cultural. Capitalismo de dados. *Lawfare*.

---

**Abstract:** In *Dominion of the Minds: from the military coup to the cultural war*, Aldo Arantes critically analyzes the rise of neoliberalism, the extreme right and strategies of ideological domination in Brazil and around the world. The book is structured in two parts, ranging from theoretical foundations to proposals for resistance. Arantes denounces neoliberalism, which began in the 1970s, for widening inequalities and governments like Temer's and Bolsonaro's for making social and labor rights more precarious. The book deals with how the far right, articulated by figures such as Steve Bannon and Olavo de Carvalho, uses fake news, algorithms and digital platforms to spread hatred and destabilize democracies. It associates how big techs, like Facebook and Google, monetize personal data, manipulating behaviour and elections, while the lack of regulation threatens privacy and autonomy. Arantes advocates a "Programmatic Plan" to strengthen democracy: income distribution, public education, regulation of big tech, combating fake news and political reform with public funding. The book warns of the risks of neoliberal ideological domination and the culture war, emphasizing the urgency of uniting social struggles, technological ethics and national sovereignty to build an inclusive democratic project.

**Keywords:** Neoliberalism; Far-right extremism; Ideological domination; Cultural warfare; Data capitalism; *Lawfare*.

---

\* Doutor em Sociologia e mestre em Educação pela UnB, licenciado em Pedagogia pela UFMA. Professor da SEEDF. Atua como formador na Unidade-Subsecretaria de Estado de Educação d (EAFE/SEEDF). Contato: robsoncamara@gmail.com.

\*\* Doutor em Educação Física pela UCB. Pós Doutor pela Faculdade de Educação da USP. Professor da SEEDF e CEUB. Contato: andre.cunha@se.df.gov.br.

\*\*\* Historiadora pela UnB, com mestrado e doutorado em Ciência Política (UFF), com ênfase em Políticas Públicas. Qualificada em gestão cultural pela ENAP, e especialista em Marketing (ESPM) e Gerenciamento de Projetos-PMI (FGV). Editora-chefe da Revista Com Censo: Estudos Educacionais do DF. Contato: raquelmoreira.nic@gmail.com

O livro *Domínio das Mentis: Do Golpe Militar à Guerra Cultural*, de Aldo Arantes, detalha de forma crítica as transformações políticas, econômicas e culturais no Brasil e no mundo, com foco especial na ascensão do neoliberalismo, da extrema-direita e das estratégias de dominação ideológica.

O autor é uma figura marcante na política brasileira. Em 1961, presidiu a União Nacional dos Estudantes (UNE) e após o golpe de 1964, ficou por um breve período no Uruguai com sua esposa, Maria Auxiliadora (Dodora). Retornou para resistir à ditadura, sendo preso em 1968 em Alagoas. Fugiu, viveu na clandestinidade com a família e foi novamente preso em 1976 e enviado para tortura no DOI-CODI de São Paulo. Anistiado em 1979, graças à luta de familiares de presos, mortos e desaparecidos políticos, elegeram-se Deputado Federal por Goiás, participando da Constituinte de 1988. Formado em Direito pela PUC e mestre em Ciência Política pela UnB, hoje coordena a ADJC e integra a Direção Nacional do PCdoB.

A obra é dividida em duas partes, *Contribuição para entender a Guerra Cultural* e *A luta ideológica democrática*, respectivamente, num conjunto de oito capítulos. No capítulo I, intitulado *Fundamento teórico*, o autor utiliza-se de pensadores como Antonio Gramsci e Raymond Williams para analisar a construção da hegemonia cultural e política. Do pensador italiano traz a definição de hegemonia como um movimento de elaboração política da classe dominante que envolve as sociedades civil e política, com objetivo do estabelecimento de um projeto político determinado, a toda sociedade. Já a contribuição de Raymond Williams é introduzido no capítulo por meio da explicação do conceito de estruturas de sentimento. Entende que a cultura real de um período dialoga com um elemento importante da luta ideológica atual, o sentimento, por ser expresso por meio do ódio da violência, do medo e fé.

Aldo Arantes critica a esquerda brasileira por subestimar o papel dos sentimentos na luta ideológica, focando excessivamente na razão. Adverte que essa lacuna permitiu que a extrema-direita explorasse as emoções para ganhar influência.

O autor faz, no capítulo II da referida obra, uma interessante e aprofundada revisão de literatura acerca do neoliberalismo e capitalismo de plataforma. Aponta a crise do capitalismo a partir da implementação das ideias neoliberais iniciada nos anos 1970, promovendo a redução do Estado, privatizações e desregulamentação, favorecendo o capital financeiro em detrimento das atividades produtivas. Arantes desenvolve os argumentos explicativos sobre como o neoliberalismo deu grande impulso para o desenvolvimento do capitalismo financeiro, que se sobrepôs a atividades produtivas. Alta de juros e aplicações no mercado financeiro ocuparam o espaço destas atividades.

Sobre o Capitalismo de Plataforma, escreve o autor, tem sua emergência a partir de 2008. Descreve na obra, com refinada argúcia, que o avanço tecnológico possibilitou um novo modelo de acumulação baseado na mineração de dados. Empresas como *Facebook* e *Google* coletam informações pessoais para manipular comportamentos, consumos e opiniões políticas. As novas tecnologias, além de proporcionar nova forma de acumulação capitalista contribuíram para consolidar a ideologia dominante. O autor arremata esta seção observando que a hegemonia de classe neste período foi construída com a defesa do mercado, da propriedade privada, da liberdade do capital e na crítica a intervenção do Estado na economia.

O autor, em relação à concentração de renda, aponta que políticas neoliberais ampliaram a desigualdade social, beneficiando os super-ricos e prejudicando os trabalhadores. Utiliza-se dos estudos de Piketty e informações da OXFAM (*Oxford Committee for Famine Relief*) para apresentar dados que ilustram a concentração de renda das pessoas mais ricas. Aldo faz a crítica de como a concentração de renda é fruto da liberdade do capital, da desregulação de atividade econômica, da privatização e diminuição de impostos sobre fortunas.

Nessa obra, Aldo Arantes dedica um tópico em que relaciona o neoliberalismo e o ataque aos direitos trabalhistas, ao mesmo tempo que denuncia a essência do capitalismo na busca de maiores lucros pelo menor custo. Denuncia como os governos de Temer e Bolsonaro promoveram reformas que precarizaram o trabalho, aumentaram a informalidade e enfraqueceram os sindicatos, e destruíram diversas conquistas da CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas) e da Constituinte cidadã de 1988, que assegurou importantes conquistas sociais.

Sobre o neoliberalismo e o fascismo, o autor traz contribuições da pesquisadora italiana Clara Mattei, que apresenta economistas neoliberais promotores da austeridade como facilitadores para a ideologia fascista. Arantes desenvolve, com os argumentos dessa pesquisadora, uma síntese analítica sobre austeridade e fascismo. Sua reflexão indica como a figura do “inimigo interno” e o estado autoritário caminham juntos ao apontar como a direita fabrica inimigos (comunismo, corrupção) para justificar o autoritarismo. Exemplifica, desse modo, como no Brasil isso legitimou o golpe contra Dilma e a prisão de Lula. Destrincha como na América Latina o suposto combate à corrupção foi e é usado. Analisa como essas pautas vinham enxertadas de interesses geopolítico, primeiramente, o combate ao comunismo no pós-guerra, depois o combate às drogas, ao terror e finalmente o falso combate à corrupção a governos progressistas.

No terceiro capítulo, Aldo Arantes dedica uma profunda análise sobre as *Origens das ideias da extrema direita*. Aborda a emergência do moderno conservadorismo estadunidense nos anos de 1950 e elenca os

objetivos primordiais dessas ideias, que era o combate a ameaça representada pelo comunismo internacional e a subversão liberal exercida com a implementação do *New Deal*. O autor também passa em revista a literatura que analisou o fim da segregação racial nas escolas públicas e as clivagens ali estabelecidas, sobretudo pelos setores conservadores.

O autor também destaca, nesse contexto, o papel do neoliberalismo e o combate às ideias progressistas. Aponta o protagonismo de Hayeck, teórico neoliberal, e a Sociedade Mont Leperin criada em 1947 com a intenção de divulgar a ideia liberal na economia e o conservadorismo nos costumes. A obra aborda como os *think-thanks*, instituições que atuam como laboratório de ideias pró-mercado fortaleceram a difusão do pensamento da direita e extrema-direita. O autor nos leva a pistas importantes como são construídas as propagandas neoliberais no Brasil ao citar, por exemplo, os dez mil balões com as frases “Menos Marx, mais Misses” na Avenida Paulista, ou seja, um episódio emblemático desse processo em que passou o país na caminhada de ascensão da extrema direita.

Outro aspecto importante desenvolvido ao longo da obra se relaciona ao neoliberalismo e Estado. Escreve o autor de maneira didática como os neoliberais são contra a intervenção do Estado no que diz respeito às ações protetivas a população pobre e defesa da soberania nacional. Se apropria dos argumentos de Jessé de Souza para dar suporte a sua tese no que diz respeito à demonização do Estado como elemento desmobilizador do ideário desenvolvimentista e de defesa da soberania nacional. Aldo Arantes afirma que o pensamento neoliberal pretende garantir os lucros do capital, mesmo em detrimento do Estado democrático. E isso é desenvolvido ao longo da obra na prospeção dos elementos que solapam o país negativamente.

O autor, no tópico em que trata do *Neoliberalismo e Direitos Fundamentais*, dialoga com a obra do intelectual constitucionalista Paulo Bonavides ao afirmar que os direitos fundamentais são o alicerce das constituições democráticas, e demonstra de forma arguta, precisamente, a motivação que leva a Constituição de 1988 ser tão atacada pelo mercado financeiro.

A tensão entre capitalismo e democracia é tratada no tópico *Democracia e Capitalismo*. O autor faz crítica à busca dos lucros exorbitantes e o desrespeito ao direito dos trabalhadores pelos capitalistas. Expõe, nesse contexto, como o neoliberalismo estabeleceu entre os anos 80 e 90 o ataque às conquistas sociais do pós-guerra, contrapondo-se ao estado de bem-estar social. Demonstra como os cortes de direitos sociais e a imposição de governos autoritários foi fundamental para garantir o projeto neoliberal e o aumento da influência do poder econômico sobre o político. Traz a lúmen, portanto, como esse

fenômeno ampliou a representação política do mercado e promoveu a descrença na política, desmoralização dos políticos e da política. Além disso, Arantes desnuda como esse movimento enfraqueceu a democracia social e abriu caminho para a direita neofascista a partir de um falso combate ao sistema. O autor finaliza essa parte explicando como a adoção do financiamento público exclusivo e sistema eleitoral proporcional de lista pré-ordenada pode assegurar representação parlamentar popular e equilibrar a disparidade econômica presente no Brasil.

O capítulo IV da obra, intitulado *Guerra cultural e domínio as mentes*, é onde o autor entra ainda mais nos elementos produtores do ideário de extrema direita no Brasil. Aldo Arantes inicia essa parte do livro abordando a “Nova forma de golpe” ao demonstrar as mudanças estruturais nos métodos adotados ao longo do tempo. O autor escreve como o golpe militar foi substituído por estratégias mais sutis, como a guerra híbrida e a manipulação digital. Desvela como Gene Sharp, teórico político americano, organizou manual com estratégias para tomar o poder, de forma não violenta, chamando-o de Golpe Brando. Aldo Arantes reflete como a guerra híbrida incorporou as ideias de Sharp e agregou as possibilidades permitidas por meio das plataformas de mídia social como o Facebook e o Twitter (atualmente denominado de X). Trata, portanto, como a guerra cultural é utilizada por grupos de extrema direita com intuito de ganhar a hegemonia cultural e vencer eleições. O autor demonstra substantivamente como Steve Bannon, um proeminente representante da extrema direita estadunidense, por meio da Cambridge Analytica, foi um dos articuladores de um modelo de intervenção política baseada em acesso a dados. Destaca como o *know-how* dessa empresa foi utilizado para manipulação de dados pessoais para direcionar mensagens personalizadas, influenciando eleições como o Brexit, a eleição de Trump e a vitória de Bolsonaro no Brasil.

Tendo como base as reflexões de João Cezar de Castro, Aldo desenvolve a análise sobre a guerra cultural no Brasil. O autor seleciona elementos importantes para o entendimento deste fenômeno. O livro consegue trazer para o debate a tessitura da guerra cultural ao elencar o papel das *fake news* e a relação com as *big techs* e o crescimento da extrema direita no Brasil. O pensamento de Olavo de Carvalho, baseado na retórica do ódio, no combate a uma suposta ameaça comunista, ou de uma hegemonia intelectual das esquerdas nas universidades, sindicatos, mídia, sistema judiciário e partidos políticos. Aldo Arantes aponta como essa perspectiva olavista se entrelaça com a famigerada Lei de Segurança Nacional (LSN) e o ORVIL (Livro ao contrário) elaborado pelo exército brasileiro para se contrapor as denúncias feitas pelo livro *Tortura Nunca Mais*, ou seja, um elemento da guerra cultural.

Essa obra trata como as organizações empresariais promovem ideias neoliberais e antidemocráticas. Isso tudo é abordado no tópico *Empresários Neofascistas e a Luta Ideológica*. O autor expõe como esses agentes foram protagonistas ativos nos embates que aconteceriam durante a discussão da Constituinte de 1988, e a forma como a direita criou várias organizações para defender o capital, a exemplo da Câmara de Estudos e Debates Econômicos e Sociais (CEBES), do Instituto de Estudos Empresariais (IEE), do Grupo de Mobilização Permanente e da União Democrática Ruralista (UDR), entre outros. Arantes também analisa como novas organizações empresariais, o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI), o Grupo de Líderes Empresariais (LIDE) e o Instituto Milenium instrumentalizaram as novas mídias e recrutamentos de jovens para repercutirem suas ideias neofascistas.

O autor desenvolve um tópico intitulado *Evangélicos Neofascistas e a Luta Ideológica* em que mostra a relação do movimento religioso estadunidense com o movimento religioso brasileiro. Aponta como os pastores conservadores dominam a bancada evangélica no Congresso, combatendo direitos humanos e promovendo a Teologia da Prosperidade alinhada ao capitalismo. Analisa a partir de um extenso levantamento histórico como o Congresso brasileiro é atualmente protagonizado pela bancada evangélica dominada por pastores conservadores cujas pautas de costumes assumem primazia importante nas suas ações.

Aldo aborda como, durante o governo Bolsonaro, militares ocuparam cargos civis e promoveram atos antidemocráticos, reforçando o papel político das Forças Armadas. No tópico sobre os *Militares Neofascistas e a Luta Ideológica*, desenvolve precisamente como esses agentes interferiram na vida política brasileira, como a intervenção das forças armadas estiveram presentes e como influenciaram no destino político do governo Getúlio Vargas, Juscelino Kubistchek e João Goulart, este último solapado pelo golpe militar de 1964. Arantes desnuda a cultura intervencionista ainda presente nas forças armadas e dedica atenção como o ex-presidente Bolsonaro levou seis mil militares para ocupar cargos civis no Governo Federal e a participação desses militares na promoção de atos antidemocráticos.

Em relação ao tópico acerca dos *Políticos Neofascistas e a Luta Ideológica*, Aldo analisa como a extrema direita cresceu no Congresso após 2018, formando uma forte base parlamentar. O autor faz um paralelo com as lutas na Constituinte de 1988 em que predominou o perfil conservador nos congressistas e que, apesar disto, a pauta dos direitos sociais avançou. Para isto, o setor progressista formou uma aliança cuja composição contou com boa parte do PMBD, e a integralidade do PT, PDT, PC do B, PSB e PCB na aprovação de uma Constituição

de conteúdo social e democrático, se valendo do clima político favorável que exigia o fim da ditadura militar e da ampla mobilização da sociedade.

O capítulo V do livro, o autor trata de um fenômeno contemporâneo que é o *Capitalismo de Plataforma*. Desenvolve o argumento que o capitalismo de plataforma ou de vigilância é uma fase deste sistema em que a mineração de dados é a nova forma de acumulação. Demonstra também como de posse dos dados é possível manipular os indivíduos em relação a compra de produtos e opções políticas, bem como a capacidade de prever e moldar o comportamento humano é determinado pelos algoritmos. Além disso, o autor sugere que o Estado deveria criar plataformas da população, controladas por estes, e regulamentação que permita aumento da privacidade dos dados.

Aldo Arantes desvela como as plataformas digitais usam a Inteligência Artificial (IA) para prever e moldar comportamentos, explorando vulnerabilidades psicológicas. No livro, o autor trata o advento da IA com importante centralidade. Explica como esse construto humano funciona a partir da coleta de um grande número de dados, a combinação destes dados e da identificação de padrões que alimentam as suas conclusões. Analisa os aspectos positivos como velocidade e otimização das atividades, recomendações de produtos e soluções a partir da IA, mas por outro lado, adverte em relação aos aspectos críticos e colaterais, tal como a produção do desemprego em determinado setores, o avanço da extrema direita, riscos para os utilizadores dessa tecnologia e a segurança dos dados pessoais.

O autor dedica um tópico em relação à *Fake News e Lawfare*. Apresenta como essas ferramentas são usadas para desestabilizar governos progressistas, difundindo mentiras e usando a lei como arma política. Explica que as *fake news* consistem no ataque à verdade dos fatos, à racionalidade e com grande apelo à emoção. Arantes aponta que uma informação falsa e prenhe de emoção exagerada desencadeia o medo, raiva e ódio, tendo como resultante o engajamento de algo não verdadeiro. Já o *Lawfare*, como explicitado no livro, tem seu fundamento teórico e seu uso prático voltado a desestabilizar governos progressistas e contrários a política dos Estados Unidos.

Para articular as ideias subjacentes ao longo dos diversos capítulos e tópicos do livro, Arantes desenvolve a reflexão sobre o papel da psicologia social e da neurociência na guerra cultural. O autor analisa como o conhecimento acumulado nas áreas da psicologia social e da neurociência foram usadas na formatação dos algoritmos. Aponta como os dados pessoais dos usuários das plataformas digitais são capturados para o desenvolvimento de perfis individuais, que são transformados em modelos matemáticos destes usuários. Dessa forma, explica como tais informações possibilita a falsificação de consensos, divulgação de ideias



cuja potência dos algoritmos tem uma base fisiológica, vinculados à liberação do neurotransmissor ou mensageiro químico vinculado a atividades prazerosas.

Por fim, a obra finaliza com os capítulos VII e VIII. Um tratando da *Luta Ideológica Democrática* em que o autor aponta para a necessidade de fixar bases de caráter democrático para ganhar aqueles que foram enganados pela pregação da extrema direita, bem como identificar as razões pelas quais as pessoas adotaram opiniões negacionistas, a partir do diálogo. No último capítulo da obra, Arantes sugere um *Plano Programático de Luta Ideológica*.

O autor alude que a extrema direita de posse de muito dinheiro e técnicas avançadas tem colhido frutos na guerra cultural, o que torna necessário entendê-la e realizar um plano de luta eficiente para travar a luta ideológica democrática. Arantes elenca 14 ideias-chave enquanto programa, são elas: 1. Desenvolvimento com distribuição de riqueza *versus* juros altos; 2. Defesa dos trabalhadores e de seus direitos *versus* combate aos direitos trabalhistas e sindicais; 3. Luta contra as causas reais da corrupção *versus* falsa luta contra a corrupção; 4. Política voltada para a democracia e para os interesses da maioria *versus* falsa crítica a velha política; 5. Defesa da ciência e da história *versus* negacionismo da ciência e da história; 6. Defesa da educação e da cultura *versus* educação militarizada e combate à cultura; 7. Defesa da saúde pública e prioridade ao esporte *versus* política

genocida de saúde e abandono do esporte; 8. Defesa da vida e dos direitos humanos *versus* defesa do ódio, da violência e da tortura; 9. Defesa do meio ambiente e das mudanças climáticas *versus* agressão ao meio ambiente e negação das mudanças climáticas; 10. Respeito às diversas crenças religiosas e defesa da liberdade de religião *versus* utilização da religião como fator de manipulação política e ideológica; 11. Defesa do nacionalismo democrático *versus* entreguismo travestido de nacionalismo; 12. Redes sociais para defender a verdade dos fatos e a democracia *versus* redes sociais para veicular *fake news* e atacar a democracia; 13. Defesa da regulamentação das *big techs* *versus* crítica à regulação sob o falso argumento da liberdade de opinião; 14. Defesa da democracia e da Constituição *versus* ataques à democracia e à Constituição.

Em suma, o livro de Aldo Arantes é uma crítica contundente ao neoliberalismo, ao fascismo e às estratégias de dominação ideológica que moldam o cenário político contemporâneo. Ele alerta para os perigos da concentração de poder nas mãos do capital financeiro e das plataformas digitais, enquanto propõe alternativas para fortalecer a democracia e os direitos sociais. Arantes denuncia uso da guerra cultural, do autoritarismo e da tecnologia para manter o poder das elites. Sua crítica enfatiza a urgência de unir lutas sociais, regulamentar o capitalismo digital e reconstruir um projeto democrático baseado em justiça social e soberania nacional. ■

## Referências

ARANTES, Aldo. **Domínio das mentes: do golpe militar à guerra cultural**. Curitiba: Kotter Editorial, 2024, 264p.